

nombrosíssims detalls amb què l'autor il·lustra els diversos fets o fenòmens que explica.

En definitiva, ens trobem davant d'una obra completa que analitza en profunditat la història de la televisió a Catalunya i acredita plenament la categoria d'expert en la matèria que Josep Maria Baget Herms ha mostrat llargament en les seves activitats com a professor universitari, com a autor i com a crític de televisió.

Baget no vol cloure el llibre amb unes conclusions pronunciant-s'hi explícitament com a expert. Això no obstant, després de fer el recorregut històric sota el seu guiatge creiem que en el fons hi ha una proposta oberta —discreta i sense estridències, però avalada pel coneixement

que l'autor demostra sobre la televisió en tota la seva complexitat— d'un model, la validesa del qual no es queda en el passat. Així, en arribar al final de la història l'any 1993 amb el doble desè aniversari de TV3 i de la posada en marxa dels estudis de TVE Catalunya a Sant Cugat, afirma que «ambdues celebracions han servit per posar de manifest un cop més la importància de la televisió pública a Catalunya com un mitjà de comunicació i difusió de la cultura i una eina de normalització lingüística, objectius amb els quals el conjunt de la societat catalana s'identifica plenament i els dóna el seu suport» (p. 148).

Maria Corominas

PARÉS I MAICAS, M. (ed.)

*Cultura y Comunicación Social: América Latina y Europa Ibérica = Cultura e Comunicação Social: América Latina e Europa Ibérica = Cultura i Comunicació: Amèrica Llatina i Europa Ibèrica*

«Monografies i Documents», 12. *Actes de la III Trobada Iberoamericana d'Investigadors de la Comunicació*. Universitat Autònoma de Barcelona, del 27 de juny al 3 de juliol de 1993

Barcelona: Centre d'Investigació de la Comunicació i Universitat Autònoma de Barcelona

Esta publicação que agora chega às nossas mãos é o resultado do III Encontro Iberoamericano de Pesquisadores da Comunicação. Organizado pela «Cátedra UNESCO» da Universidade Autônoma de Barcelona e a Associação Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), e contando ainda com o apoio do Centre d'Investigació de la Comunicació (CEDIC), da Generalitat de Catalunya, o trabalho apresentado a seguir reúne as comunicações, em quatro idiomas (Catalão, Castelhan, Italiano e Português), dos pesquisadores que estiveram presentes nos quatro painéis de debate do Encontro, que se realizou do dia 27 de junho ao 3 de julho de 1993, em Bellaterra.

Os quatro painéis e a apresentação foram elaborados no intuito de pensar estes dois espaços de comunicações, latino americano e ibérico, em seus itinerários de formação e consolidação e em seus interrogantes pendentes, diante de tantas transformações no panorama mundial.

Nessa resenha os leitores não encontrarão a estrutura lineal das distintas comunicações que foram apresentadas. Como o espaço que disponho é reduzido, preferi comentar com mais detalhe algumas das questões permanentes nas distintas reflexões desenvolvidas pelos pesquisadores. Assim, salto do quarto ao segundo painel com o mesmo desembaraço dos que sabem que os limites entre as coisas são, na verdade, espaços de nego-

ciação e interação, e não a representação de um abismo de incomunicação.

As comunicações já são suficientes para nos situarem em questões que atualmente estão ocupando os pesquisadores tanto da América Latina como da Europa Ibérica. Estamos em uma época de «transições e incertezas», como bem qualifica Fernando Ainsa, representante do diretor geral da UNESCO, na sua apresentação; época em que nos damos conta que o nosso vocabulário acadêmico necessita uma revisão profunda, como argumenta Miquel de Moragas Spa ao propor uma renovação dos conceitos da teoria da comunicação, em sua participação no segundo painel sobre os fluxos de informação e cultura entre América Latina e Europa Ibérica (Norte-Sul, Sul-Norte e Sul-Sul). Ele se ocupa prioritariamente de uma redefinição do conceito de fluxos que seja diferente da que estava conectada, segundo ele, «com uma valorização da situação da comunicação no mundo em termos de equilíbrio e desequilíbrio, e, indiretamente, de identidade e de dominação». Para Moragas, se faz necessária uma compreensão do fenômeno comunicativo mais ampla, que entenda as transformações nos sistemas de comunicação moderno não a partir unicamente das transformações tecnológicas, mas também a partir da análise dos novos usos, funções e lógicas de implantação (econômicas, políticas e culturais), que configuram seu uso social. E, para que seja possível uma análise destes usos, Moragas propõe como única alternativa uma análise do conjunto de fluxos da informação —os dos *media* de massa e os que não são considerados de massa.

Nessa mesma linha de propor revisões conceituais, Hector Borrat sugere a adoção do conceito de *indústrias mediáticas*, e, por conseguinte, de *mercadorias mediáticas* em lugar do escorregadio e vago conceito de *indústrias culturais* e, logicamente, de *mercadorias culturais*. Segundo Borrat em sua participação no

terceiro painel, onde se discutia o desenvolvimento e as tendências das indústrias culturais na Europa Ibérica e América Latina, a questão passa por abordar mais concretamente os temas, evitando conceitos e idéias que, de tão conotados, perdem o sentido. Sua comunicação, em minha opinião, tem a virtude de situar os limites —e, assim, traçar as possibilidades—do pensamento sobre o fenômeno da comunicação em sociedade, assinalando pontos de contradições ou de vazios conceituais. Ele fala, por exemplo, da questão da hegemonia cultural que, no caso dos latino americanos se refere a problematização da forte influência dos Estados Unidos e, no caso da Espanha, esta questão também passaria pela cultura hegemônica castelhana em relação ao que Ramón Zallo chamou de «culturas minorizadas», referindo-se à Vasca, à Galega e à Catalana. Borrat se pergunta se seria lícito falar de uma cultura castelhana hegemônica ou se se deveria falar de diversas culturas que, compartilhando uma mesma língua, se diferenciam entre si. E, se a cultura não se define unicamente pela questão da língua, ele se pergunta se não caberia explorar as diversidades culturais entre aqueles que compartilham o catalão, o vasco ou o galego.

Todas estas são questões que merecem uma atenção na hora de definir, por exemplo, o que entendemos por uma democracia cultural. Longe de buscar respostas, se percebe claramente em praticamente todas as comunicações a vontade de conhecer, de fazer perguntas que abram espaços de reflexão. E, claro, quanto melhor estejam basadas estas perguntas, mais horizontes iluminarão. Nesse sentido, as comunicações do primeiro painel, cujo tema era «O estado da pesquisa na Europa Ibérica e na América Latina», e algumas dos demais painéis, que se propunham a apresentar uma visão histórica dos processos comunicativos, proporcionaram ao público —e agora ao leitor— as chaves para compreender o

momento atual do sistema de comunicação em cada contexto social determinado.

No primeiro painel, por exemplo, Joaquín Sánchez, da Universidad Javeriana e Presidente da Federação Latino Americana de Faculdades de Comunicação (FELAFACS), de Bogotá, nos oferece, entre outras coisas de seu balanço sobre as Escolas de Comunicação latino-americanas, uma lista de professores e pesquisadores de toda América Latina, separados por país e por centro de trabalho. Do trabalho de Maria Immacolada Vassalo Lopes, da Escola de Artes Visuais da Universidade de São Paulo (ECA-USP), que fala do estado da pesquisa no Brasil, destacaria a vasta e interessante bibliografia de pesquisadores, também latino-americanos, que apresenta.

Da América, passamos a Europa, onde também é tempo de redefinição. Tanto Espanha quanto Portugal são revisitadas com visões históricas que nos ajudam —ãos latino-americanos— a compreender os intrincados conflitos atuais na área, por exemplo, das políticas da comunicação. Tanto Portugal como Espanha partem de uma formação de Estado-Nação que não corresponde à nossa realidade latino-americana. Basando-me nos trabalhos de Nelson Traquina sobre a Indústria Cultural em Portugal e Enrique Bustamante sobre a questão da integração audio-visual e da necessidade de uma política global para Espanha, parece ser que ambos países ibéricos vem sofrendo de uma intervenção confusa por parte dos governos, o que faz que Traquina, em sua conclusão, mencione que «o perigo para as indústrias culturais portuguesas não vem principalmente de fora», da concorrência com outros países, «mas de dentro», como consequência de um seguido de desencontros entre os produtores culturais e os políticos, reguladores dos âmbitos públicos. Bustamante usa a França como referente que deu certo e reivindica a necessidade de compreen-

der as comunicações como um «setor de enorme transcendência econômica futura, mas também de grande importância cultural e social presente». Este autor argumenta, com relação a política audio-visual europeia, que antes de ocupar-se com a «harmonização de normativas e atuações, de medidas protecionistas e de fomento positivo», deveria ocupar-se previamente, como condição básica, da «conformação de um setor audio-visual estável, viável, regulado nos seus parâmetros básicos».

Josep Gifreu se encarrega, no último painel, —que trata da Catalunha e a reconstrução da sua identidade cultural no âmbito de políticas de comunicação e cultura—, de esboçar seu diagnóstico da Europa futura (onde as fronteiras entre os Estados se diluem ao passo em que o território parece se redefinir a partir de diferenças culturais e nacionais) e a necessidade de marcar a estratégia da política catalana comunicacional, posto que os meios funcionam, para ele, como «controladores do tráfego» de informação e dos circuitos culturais e simbólicos; e, o fazem sobretudo a partir da língua.

Ora, compreender esta complicada discussão sobre a cultura catalana que sempre provoca tantas desavenças se faz mais fácil se antes de ler o texto de Gifreu, passamos pelo de Josep Lluís Gómez-Mompert. Este autor nos apresenta uma visão histórica da formação do que ele chama de «Sociedade e Cultura de Comunicação de Massas» na Catalunha. Este conceito pretende abarcar os fenômenos de mudança social que se dão nos países centrais entre fins do século XIX e princípios do XX (mudanças na forma de vida e organização das sociedades). No seu texto, o autor faz uma divisão de três etapas no que ele chama de ecossistema comunicativo catalão («uma determinada forma histórica a partir da qual as sociedades organizam a sua produção social de comunicação»). A primeira etapa abrange a formação deste ecossistema, que, segundo a hipótese do autor, se localizaria entre os

anos 1888 e 1939, da Exposição Universal de Barcelona ao fim da Guerra Civil Espanhola; a segunda seria a fase do desmantelamento à sua reestruturação, de 1939 ao 1980. Essa etapa se caracteriza pelo que o autor chama de «etnocídio cultural e linguístico e repressão das liberdades democráticas» com o franquismo. A terceira fase é a da época do reestabelecimento da democracia depois da morte do ditador. Mas, claro, como comenta Mompert, depois de quarenta anos da vigência do projeto da nação espanhola franquista, com todos os vícios, abusos e desmandos de poder que costumam ser um dos pontos

de coincidência de todos os regimes autoritários, o panorama que se tem hoje é de um longo trabalho de redefinição de estratégias. E, diria que não só com relação ao âmbito catalão. Como mencionei brevemente, e é mais trabalhado pelos autores deste livro, o momento mundial é de pensar em políticas de comunicação que nos ajudem a construir espaços harmônicos de convivência. Não quero falar de democracias culturais para evitar conceitos que já não têm sentido de tantos sentidos que já tentaram impôr-lhes...

Renata Veloso

BALSEBRE, Armand

*El lenguaje radiofónico*

Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1994. Col·lecció «Signo e Imagen»

Todos aquellos que nos interesamos por el mundo de la radio, solemos quejarnos de la escasa bibliografía específica, en cualquiera de sus aspectos, que sobre este medio de comunicación existe. Todo lo contrario ocurre si nuestro centro de interés es la televisión. Mientras la radio está prácticamente olvidada como objeto de análisis y estudio, la televisión está en el punto de mira de la mayor parte de investigadores de la comunicación. Es cierto que proliferan títulos en los que radio y televisión conviven, pero ni el tratamiento ni la profundización en uno y otro medio son equiparables más allá de la portada.

La obra que aquí presentamos tiene la virtud de girar entorno a la radio, de adentrarse en sus entrañas, de descubrir la articulación de sus mensajes, en definitiva, de demostrar que este medio puede expresar, sugerir, estimular... A lo largo de sus páginas, se revela su capacidad creativa, por otra parte poco explorada en la radiodifusión actual.

Hoy en día, la programación radiofónica tiende hacia la especialización consolidando radiofórmulas, cuya estructura

se basa habitualmente en la combinación de palabra y música. La primera ofrece información y la segunda compañía. Al mismo tiempo, la radio es considerada como el medio que con mayor celeridad ofrece las últimas noticias. En este campo ni la televisión ni la prensa, por el momento, pueden ganarle la batalla. Sin embargo, esta concepción dualista (información/compañía) delimita la potencialidad expresiva del producto radiofónico. Esta obra muestra su vertiente estética al explorar y profundizar en los elementos que constituyen la base de la comunicación radiofónica. Desde esta perspectiva, la radio deja de ser un mero canal de difusión de mensajes sonoros y pasa a constituirse en medio de expresión.

La obra se divide fundamentalmente en tres partes: el lenguaje radiofónico y su configuración, la construcción del relato y el oyente, como eslabón primero y último de la cadena comunicativa. En cada una de ellas, el autor insiste en el carácter particular del mensaje sonoro frente a otro tipo de comunicaciones para así justificar la existencia del lenguaje pro-